

EDUCAÇÃO FÍSICA PARA PESSOAS PORTADORAS DE DEFICIÊNCIAS - UMA PROPOSTA DE ATUAÇÃO

RESUMO: Partindo de uma análise atual da situação da Educação Física para pessoas portadoras de deficiências, o presente trabalho pretende lançar algumas propostas que, segundo nosso ponto de vista, deveriam nortear uma atuação específica nessa área.

É discutido o atual grau de desvalorização que esse tema tem sofrido nos currículos das Faculdades de Educação Física. E para esclarecer essa questão, é feita uma incursão histórica, que tenta mostrar como a deficiência foi vista através dos anos, desde a visão sub-humana, passando pelo cristianismo caritativo da Idade Média, até chegar à visão organicista e à sua disputa com a visão pedagógica.

O presente trabalho tenta mostrar a influência da visão organicista na atuação institucional com deficientes, em geral, e no trabalho de Educação Física com pessoas portadoras de deficiências, em particular. Assim, a necessidade do diagnóstico, a busca da causa da doença, a verdade do defeito orgânico se traduzem na Educação Física pelo movimento controlado pela mente, pela imitação do movimento perfeito, pela dicotomia mente-corpo, enfim, pela visão da "mente sã em corpo sã".

Somente com um enfoque globalizante, a Educação Física pode contestar essa postura organicista, que tem se mostrado, historicamente, ineficaz no que se refere à atuação com indivíduos portadores de deficiências. Dessa forma, a Educação Física pode favorecer a integração do deficiente com o seu corpo, consigo mesmo, com o outro, com as coisas, com o mundo. Essa integração pode se dar na medida em que o movimento seja entendido como expressi-

o do indivíduo como um todo.

A atuação da Educação Física para pessoas portadoras de deficiências é resumida no presente trabalho em cinco propostas.

UNITERMOS: Deficiência; Educação Física Para Pessoas Portadoras de Deficiências.

A Educação Física já está incluída, como prática regular, em muitas instituições que trabalham com pessoas portadoras de deficiências. Muitos profissionais que trabalham com essa clientela defendem a prática da Educação Física e reivindicam sua efetividade em todas as instituições responsáveis pelo atendimento de pessoas portadoras de deficiências. Não pretendemos aqui fazer uma discussão corporativista, para defender um maior campo de atuação ao professor de Educação Física. Interessa-nos nesse trabalho discutir a atuação da Educação Física em relação ao deficiente. Pretendemos apontar alguns vícios nos quais a Educação Física vem incorrendo, no que tange à atuação com o deficiente. E, a partir daí, lançar algumas propostas, que, segundo nosso ponto de vista, devem nortear um trabalho de Educação Física com pessoas portadoras de deficiências.

obj 2
obj.
obj 2

De maneira geral, o trabalho de Educação Física com indivíduos deficientes tem reproduzido os mesmos conteúdos e estratégias que, ao longo dos anos, foram sendo utilizados no ensino regular. Assim, os mesmos exercícios ginásticos de décadas atrás são reproduzidos, sem questionamentos, com os deficientes. Ou então, as técnicas esportivas são aplicadas de forma mecânica, sem as devidas adaptações.

Ora, a Educação Física brasileira começa, hoje, a pas -

...questionamento que engloba o dimensionamento dos seus

objetivos na escola, a validade dos seus conteúdos e estratégias, a sua relação com o esporte, a formação profissional, a questão do corpo na sociedade. Enfim, iniciamos hoje um momento de ebulição, onde, até mesmo o termo Educação Física é questionado. Medi-

X na nos esclarece melhor esse aspecto:

"Para uma Educação Física realmente preocupada com o ser humano não basta concordar plenamente com a sociedade. É necessário que faça uma permanente crítica social; seja sensível às diversas formas de repressão a que as pessoas estão sujeitas e as ajudem a entender os seus determinismos e superar os seus condicionamentos, tornando-as cada vez mais livres e humanas".(4)

Se a Educação Física, de maneira geral, começa a passar por essa "crise", precisamos ampliá-la para todos os campos onde ela atua, já que é a mesma Educação Física que estará sendo levada a todas essas áreas, inclusive a da deficiência.

Acreditamos que no caso da deficiência, a Educação Física se encontre um pouco mais acrítica do que em outras áreas devido, principalmente, à desvalorização que esse tema tem sofrido nos currículos das faculdades. Somente nos dias de hoje, algumas Escolas de Educação Física começam a incluir em seus currículos disciplinas específicas sobre o tema. A grande maioria de profissionais que trabalham com deficientes não teve uma formação adequada, tendo que se adaptar à nova situação. Esse fato acabou gerando um certo isolamento dos profissionais, não havendo a troca de experiências e a conseqüente e necessária reciclagem. Alguns professores, através de solitário esforço, conseguem desenvolver um trabalho criativo, mas uma boa parte reproduz algumas técnicas recreativas, sem maiores objetivos pedagógicos. Ou então, colocam o seu trabalho a serviço de outras áreas da instituição, como por exemplo, a Fisioterapia, a Terapia Ocupacional ou a Psicologia. É claro que a Educação Física não pode trabalhar desvinculada das outras áreas, mas também não pode deixar de ter uma característi-

ca própria, com objetivos absolutos, sob pena de se descaracterizar como atividade útil e imprescindível ao portador de deficiência .

Essa descaracterização pode ocorrer de maneira muito fácil, porque, independentemente da capacidade e competência do professor, a Educação Física consegue motivar os alunos, quer seja pela atividade ao ar livre, quer seja pela piscina, pela bola ou, ainda, pelo jogo. E nesse momento, ela passa a ser vista como simples recreação, tanto pelo professor, como pelos alunos e, ainda, pelos outros profissionais da instituição.

É importante discutir também os motivos pelos quais a deficiência não é ainda contemplada nos currículos das Faculdades de Educação Física com a profundidade que mereceria. Não podemos aqui desconsiderar a história da deficiência que, segundo nosso ponto de vista, é determinante no que se refere à forma como o deficiente ainda é visto nos dias atuais.

Na Idade Antiga, com base em poucos documentos, crianças portadoras de deficiências físicas e mentais, eram consideradas sub-humanas e, via de regra, eliminadas ou abandonadas.(5)

Com a difusão do cristianismo, os deficientes ganham alma e, assim, passam a ser considerados filhos de Deus, como todos os seres humanos, escapando, dessa forma, do abandono ou eliminação. Entretanto, esse fato não garante ainda um tratamento adequado ao deficiente, mas apenas uma institucionalização caritativa. Além disso, é sabido que a inquisição católica sacrificou, durante a Idade Média, muitos deficientes, sob a acusação de serem endemoniados ou hereges.(5)

A visão organicista da deficiência tem início com Thomas Willis em 1664 e, se ainda não apresenta uma visão científica do problema, pelo menos começa a mudar a visão religiosa e fanática de até então. Segundo ele, a causa de distúrbios mentais estava no cérebro ou no fluido nervoso, portanto, no indivíduo, e não

no demônio ou no castigo divino.(5)

É Pessotti quem explica melhor esta questão:

"A deficiência mental, que após a inquisição se tornara um problema médico e não mais teológico, passara de um enfoque supersticioso a um tratamento naturalista, por parte de muitos médicos e raros pedagogos; essa atitude naturalista, porém, não implica necessariamente a abordagem científica da questão. A verdade não é mais buscada no dogma traduzido pelo clero, mas ainda emana de uma autoridade, que domina o saber e o poder diante da deficiência mental. Essa autoridade que dirige a busca de explicações e as iniciativas educacionais, terapêuticas e institucionais e que arbitra as polêmicas é o médico".(5)

O fato é que a teoria da deficiência - mental, principalmente, já que esta englobava outras deficiências - foi construída dentro do saber médico. Autores como Itard, Seguin e Montessori inovaram pedagogicamente no tratamento com deficientes, deixando-nos técnicas e métodos que são ainda utilizados nos dias atuais. Entretanto, esses autores foram também médicos e sua contribuição evoluiu a partir do saber médico.(5)

Enfim, o estudo da deficiência sofreu grande influência do desenvolvimento da medicina e, parece claro, que essa influência ainda chega aos nossos dias, bastando observarmos o prestígio e a autoridade do médico, hoje, no que se refere ao tratamento do deficiente.

Apesar das exceções em que se constituíram, historicamente, Itard, Seguin e Montessori, muitos profissionais que lidam, atualmente, com o deficiente - médicos e não médicos - ainda procuram a causa orgânica da deficiência, necessitam do diagnóstico fechado, buscam a cura para a "doença", ou então, de forma mais sutil, vêem o deficiente

de forma preconceituosa, como um ser menor e anormal.

Sobre a questão da anormalidade, cabe aqui uma discussão, já que o indivíduo portador de alguma deficiência é visto, com muita frequência, como anormal. Segundo Frayze-Pereira, a palavra latina "norma" significa "esquadro". Assim, uma norma "é aquilo que serve para retificar, por de pé, endireitar". Nesse sentido, normalizar é impor uma exigência a uma existência que possui um caráter diversificado, irregular". O termo a-normal não tem significado por si só. Ele surge posteriormente à definição de normal, como negação deste e antecipando sua infração.(3)

Pensando em termos de normalidade, a essência da deficiência é o "desvio" da norma. Ora, essa conclusão acaba por desconsiderar tanto o deficiente como a deficiência, na medida em que é o quanto se desviam de uma norma o que os define.

Com esse breve relato sobre a história da deficiência e com essa discussão sobre normalidade e anormalidade, esperamos ter justificado, pelo menos em parte, o motivo pelo qual a visão médica da deficiência tem imperado em detrimento de uma visão mais pedagógica, que privilegie o deficiente enquanto ser humano em desenvolvimento, com capacidade para aprender. Já é possível, portanto, entender porque o estudo da deficiência ainda não é contemplado em muitas faculdades ou, em caso contrário, recebe uma influência unilateral do saber médico.

Creemos ser possível nesse momento traçar um paralelo entre a atuação da Educação Física oferecida hoje aos portadores de deficiências e o modelo organicista de tratar o deficiente, o qual ainda persiste nos dias atuais. A necessidade do diagnóstico de uma determinada deficiência, a busca da causa da doença a nível cerebral, a visão da deficiência como defeito orgânico, a visão dicotomizada doença-cura, estão traduzidas na Educação Física no movimento controlado pela mente, na padronização de movimentos, na busca do movimento correto e perfeito, na dicotomia mente-cor-

Normal e
desvio em
deficiências

A discussão
deve ser mais
profunda

po, enfim, no binômio "mente sã em corpo sã".

Descartes, com o pensamento racional que formulou as bases para o modelo científico que impera até hoje, foi também um organicista. Todos sabemos da sua visão dualista do ser humano, onde o corpo está subordinado a uma alma ou espírito(2); e todos sabemos também que essa visão de homem ainda é utilizada atualmente na Educação Física, embora comece a receber críticas.

O dualismo cartesiano que começamos a criticar na Educação Física também está presente no tratamento que os portadores de deficiências recebem hoje, porque tanto a Educação Física como a deficiência, ao longo dos anos, sofreram influências de um modelo organicista de entender o ser humano; um modelo que sempre privilegiou as idéias em detrimento do corpo e que viu este corpo como depositário de toda sorte de doenças e defeitos. E não é à toa que muitas vezes a Educação Física se reduz a um "biologismo" desmesurado.

A Educação Física pode contestar esse modelo organicista de tratamento aos deficientes se seus profissionais assumirem e conseguirem transmitir uma atuação globalizante. Essa postura implica em considerar o portador de deficiência como capaz de se expressar através de movimentos. Implica também em considerar que não existe movimento correto ou incorreto, mas sim, movimentos a serem estimulados pelo professor. Implica ainda em entender que trabalhar com os movimentos é trabalhar com o indivíduo todo, já que o movimento é um meio do indivíduo se expressar. Implica também em entender que o indivíduo portador de deficiência necessita dos movimentos e das ações para se integrar com o seu corpo, com o outro, com as coisas que o cercam, com o mundo.

Burkhardt e Escobar resumem essas nossas considerações afirmando que o objetivo geral da Educação Física no trabalho com deficientes é o "desenvolvimento das potencialidades da pessoa portadora de deficiências psicomotoras, cognitivas ou afetivas, a

} ?

través do movimento sistematizado sob uma abordagem global".(1)

A fim de contribuir para uma Educação Física realmente útil ao deficiente e a fim de possibilitar a operacionalização das idéias contidas neste trabalho, lançamos 5 (cinco) propostas que consideramos primordiais para um trabalho de Educação Física com portadores de deficiências.

1- Propomos uma Educação Física que não ensine movimentos padronizados, mas que permita a descoberta de novos movimentos. Acreditamos que só a partir dessa exploração é que o indivíduo poderá conhecer as suas verdadeiras possibilidades e os seus reais limites, e, assim, estará tomando consciência da sua condição no mundo.

2- Propomos uma Educação Física que seja, antes de mais nada, prazerosa, como direito de todo cidadão, e que permita a experiência de momentos de satisfação e realização. A Educação Física pode se transformar em excelente meio de desafio para ^{que} a pessoa portadora de deficiência consiga se superar, realizando atividades diferentes, descobrindo, assim, suas potencialidades.

3- Propomos uma Educação Física ao portador de deficiência que permita a convivência com outras pessoas em condições semelhantes às suas ou não. A Educação Física pode contribuir para diminuir o distanciamento do portador de deficiência em relação à sociedade em geral e para reduzir o preconceito desta em relação a ele.

4- Propomos uma Educação Física que não tenha como objetivo específico a reabilitação do indivíduo portador de deficiência. Acreditamos que uma Educação Física com objetivos reabilitadores pode correr o risco de perder seu caráter recreativo, lúdico, sociabilizante e, portanto, global. A reabilitação poderá ocorrer como consequência de um trabalho de desenvolvimento das potencialidades do indivíduo e, nesse caso, será uma reabilitação do indivíduo todo e não de apenas uma parte do seu corpo.

5- Propomos uma Educação Física que coloque o esporte a serviço do portador de deficiência , ao invés de querer adaptar o indivíduo às regras, técnicas e treinamentos esportivos. Acreditamos que o modelo esportivo existente hoje no Brasil implica numa seletividade e competitividade que não condizem com a situação do deficiente no nosso país. Assim, propomos que o esporte seja mais um meio que o profissional de Educação Física utilize para o desenvolvimento integral do portador de deficiência .

CONCLUSÃO

A Educação Física possui um potencial muito grande no que se refere à atuação com pessoas portadoras de deficiências. Entretanto, para que esse potencial seja efetivamente utilizado é necessária uma posição crítica em relação à história da deficiência e à história da Educação Física. Tanto uma como outra foram fortemente influenciadas por um modelo organicista de ver o ser humano, onde as reações corporais eram apenas efeito de uma causa cerebral ou espiritual. Ora, essa influência leva-nos a entender a deficiência como doença orgânica e a Educação Física como mero treinamento muscular.

Não podemos perder de vista a unidade do ser humano e o objetivo da Educação Física em atender essa unidade. Só com uma atuação global, a Educação Física pode confrontar o modelo organicista e conseguir propor um trabalho sério e eficiente ao portador de deficiência .

ABSTRACT: In analysing the currently situation of Physical Education for disabled people, this present work intends to develop some proposals which, according to our point of view, should guide a specific performance in this area.

It is part of the discussion, the actual devaluation level to which this topic has been thrown to, in Physical Education curriculum at University. In order to clear the subject, it is made a historic incursion which intends to show how disability has been seeing throughout the years, from the sub-human view, passing through charitable christianism of middle age, to the organicistic view dispute against the pedagogic view.

This present work intends to show the organicistic view influence in the institutional performance with disabled people in general and in the specific work of Physical Education with disabled people in particular. Therefore, the necessity of the diagnosis, the search of the disease agent, the truth of the organic disability turns out to be in Physical Education, the movement controlled by the mind, the imitation of the perfect movement, the mind-body dichotomy and finally, the vision of "healthy mind in healthy body".

This work emphasizes that only with a global view of the human being, can Physical Education be against the organicistic position which has been historically proved ineffective referring to performance with disabled people. Therefore, Physical Education can assist disabled people integration with his own body, with himself, with the other, with the things, with the world. This integration can happen if movement is understood as an expression of the whole person.

The Physical Education performance with disabled people can be resumed in this present work in five items.

UNITERMS: Disability; Physical Education for Disabled People.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BURKHARDT, R. e ESCOBAR, M.O. Natação Para Portadores de Deficiências. Rio de Janeiro, Ed. Ao Livro Técnico, 1985, 109p.
2. DESCARTES, R. Discurso do Método. Rio de Janeiro, Ed. José Olympio, 1960, 158p.
3. FRAYZE-PEREIRA, J.A. O Que É Loucura. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1982, 108p.
4. MEDINA, J.P.S. A Educação Física Cuida do Corpo... e "Mente". Campinas, Ed. Papirus, 1983, 2a. ed., 96 p.
5. PESSOTTI, I. Deficiência Mental: Da Superstição à Ciência. São Paulo, Ed. T.A. Queiroz e Ed. da Universidade de São Paulo, 1984, 206p.